



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO SUJEITO SURDO FILHOS DE
PAIS OUVINTES: ENTRE AVANÇOS E DESAFIOS.**

HÉRICKA THAÍS CABRAL DE SOUZA FERNANDES

GUARABIRA

2019

HÉRICKA THAÍS CABRAL DE SOUZA FERNANDES

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO SUJEITO SURDO FILHOS DE
PAIS OUVINTES: ENTRE AVANÇOS E DESAFIOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Pedagoga.

Área de Concentração: Fundamentos da
Educação e Formação docente.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Aline de Fátima
da Silva Araújo.

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363a Fernandes, Hericka Thais Cabral de Souza.

A aquisição da linguagem no sujeito surdo filhos de pais ouvintes [manuscrito] : entre avanços e desafios / Hericka Thais Cabral de Souza Fernandes. - 2019.

53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araujo , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Surdo. 2. Aquisição da Linguagem. 3. Libras. I. Título

21. ed. CDD 371.912

HÉRICKA THAÍS CABRAL DE SOUZA FERNANDES

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO SUJEITO SURDO FILHOS DE PAIS
OUVINTES: ENTRE AVANÇOS E DESAFIOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Pedagoga.
Área de concentração:
Fundamentos da Educação e
Formação docente.

Aprovada em: 20/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo

Prof^ª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^ª. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rônia Galdino da Costa

Prof^ª. Esp. Rônia Galdino da Costa.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus Avós, Aluízio, Berto, Dalva e Expedita
pela dedicação e cuidado.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me capacitar, afastar os meus medos e me mostrar que sou capaz. Gratidão ao SENHOR pois ELE tem sido tão, tão bom para mim.

À professora, Aline de Fátima, pela orientação, leituras propostas, dedicação e principalmente paciência.

Ao meu esposo, Walysson, pelo amor, compreensão, apoio e incentivo diário. Sou grata a Deus por tê-lo ao meu lado.

Aos meus pais, irmão e avós, por todo carinho empenho e dedicação a qual me fizeram chegar até aqui. Amo vocês.

Em especial, ao meu Avô Berto Venâncio (*in memoriam*), que sempre vibrou comigo a cada conquista. Que saudades de você!

As minhas amigas, a nossa “Panelinha”. Meninas o que seria de mim sem vocês durante todo esse tempo? Muito obrigada pelo apoio e incentivo, vocês são maravilhosas!

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo de toda trajetória do curso por meio das disciplinas e debates, contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa.

“O silêncio torna-se uma barreira entre surdos e
ouvintes, mas a língua de sinais pode quebrá-la”
(desconhecido)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LIBRAS: QUE LÍNGUA É ESSA?.....	14
3 A LÍNGUA DE SINAIS COMO MEIO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E CULTURA SURDA.....	18
4 ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA CRIANÇA SURDA FILHOS DE PAIS OUVINTES.	25
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
7 CONCLUSÃO.....	41
8 REFERÊNCIAS	43
9 APÊNDICES	47
10 ANEXOS	51

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO
SUJEITO SURDO FILHOS DE PAIS
OUVINTES: ENTRE AVANÇOS E
DESAFIOS.

HERICKA THAIS CABRAL DE SOUZA FERNANDES

RESUMO

A aquisição da linguagem é algo que acontece naturalmente na vida das pessoas, mas quando se trata de surdos filhos de pais ouvintes é necessário que haja contato imediato da mesma com a comunidade surda, para que assim possa aprender sua língua natural. A presente pesquisa tem como objetivo geral, apresentar os avanços e desafios da criança surda filhos de pais ouvintes, com respeito a aquisição da Libras como primeira língua. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a bibliográfica com pesquisa de campo, com análise de dados coletados através de um questionário aplicado em surdos filhos de pais ouvintes, e pais ouvintes com filhos surdos. Assim para embasamento teórico recorreremos a autores como Strobel (2008), Quadros (2008) e Dizeu e Caporali (2005). No decorrer da pesquisa percebemos que a partir do momento em que o sujeito surdo foi exposto a língua de sinais, pode-se observar um melhor desenvolvimento, sendo assim, conclui-se que a língua de sinais é a língua natural dos surdos e através dela podem ter acesso a tudo e entender-se como sujeitos com direitos mediante a uma sociedade de maioria ouvinte.

PALAVRAS-CHAVE: Surdo, Aquisição da linguagem, Libras.

ABSTRACT

Language acquisition is something that happens naturally in people's lives, but when it comes to deaf children of hearing parents it is necessary to have immediate contact with the deaf community so that they can learn their natural language. This research aims to present the advances and challenges of the deaf children of hearing parents, with respect to the learning of the Brazilian Sign Language as its first language. The methodology used for the research was the bibliographic analysis with field research of data collected through a questionnaire applied to deaf people that has parents that can hear and to parents that have deaf children. Thus, for theoretical basis, we resorted to authors such as Strobel (2008), Quadros (2008) and Dizeu and Caporali (2005). Throughout the research we realized that once the deaf subject was exposed to the Brazilian Sign Language, a better development could be observed, thus concluding that the Brazilian Sign Language is a natural language for the deaf and through it he/she can have access to everything and to understand themselves as subjects with rights in a society that has most of its people able to listen.

KEYWORDS: Deaf, Language Acquisition, Libras

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem acontece a partir da relação com o meio, pois a mesma inicia-se de forma precoce assim que o bebê começa a se relacionar com as pessoas ao seu redor. Esse processo acontece de forma natural, tornando-se algo espontâneo, sem que haja nenhum tipo de intervenção, pois a criança aprende a linguagem quando passa a ter contato e oportunidade natural de aquisição.

Na criança surda, filhas de pais surdos, há o desenvolvimento da aquisição da linguagem de forma semelhante à dos ouvintes, pois está inserida em um ambiente propício para o desenvolvimento dela. Desse modo, afirmam Dizeu e Caporali:

[...] a criança passa a construir subjetividade pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio, e adquirindo, então, novas concepções de mundo. (2005, p. 587).

Por ser uma língua natural, a criança começará a adquiri-la facilmente, pois conviverá com ela desde o seu nascimento, o que de imediato facilitará sua aquisição e construção de linguagem. Quando se trata de crianças surdas filhas de pais ouvintes, o processo de aquisição da linguagem não é natural, pois o ambiente em que a criança está inserida não tem nenhum contato com a Libras, logo é necessário que a família proporcione o contato com a língua de sinais o quanto antes. De acordo com Dizeu e Caporali:

[...] esse processo não irá acontecer naturalmente, já que as modalidades linguísticas utilizadas nas interações mãe-criança não são facilmente adquiridas por essas crianças. O processo de aquisição da língua não será natural, como é para as crianças ouvintes. Há então uma necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível [...] (2005, p.588)

Nesse caso, a convivência diária com uma pessoa fluente na língua de sinais, irá proporcionar para a criança uma forma de contato e aprendizagem com o que é sua língua

natural. Dizeu e Caporali (2005, p. 588) “Nessas condições, adquirindo a Libras, ela se torna capaz de significar o mundo”.

Ainda segundo as autoras, a família funciona como base, para que a língua de sinais seja estabelecida na vida da criança durante os primeiros anos de vida. Se essa base não estiver firme, surgirão grandes consequências no desenvolvimento e comportamento das crianças. Ou seja, a família é o alicerce para a aquisição da Libras como língua natural dos surdos e como construção do sujeito. Quando a criança não dispõe de um suporte familiar, o desenvolvimento relacionado a comunicação não será satisfatório, e logicamente também irá afetá-la de forma emocional.

A LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, é a língua natural dos surdos no Brasil, e é reconhecida pela Lei nº 10.436 de abril de 2002. A mesma é uma língua natural, que possui estrutura própria e dispõe de sinais léxico, cujo qual corresponde a uma determinada palavra. Dizeu e Caporali (2005, p. 588) reiteram que: “A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio da língua estruturada, ao desenvolvimento pleno”.

Introduzir a criança surda próxima a alguém fluente em Libras, torna-se a forma mais fácil de possibilitar a aquisição de sua língua natural, assim a criança terá melhor conhecimento de mundo como também de si mesma. Segundo Fernandes e Correia:

“[...] propiciar à pessoa surda a exposição de uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento, privá-la desse direito, sob qualquer alegação, é desrespeitá-la em sua integridade.” (2005, p. 18)

O acesso a língua de sinais é um direito do surdo, direito esse que lhe proporciona reconhecimento quanto cidadão, e durante toda a sua trajetória, pois quanto mais precoce o contato com sua língua natural, mais cedo o indivíduo conseguirá um melhor desenvolvimento, seja ele social ou emocional, então, não podemos de forma alguma privá-lo de desenvolver-se como indivíduo pensante.

O interesse pela temática surgiu com o contato que tive com um surdo durante a infância, desta maneira, por falta de conhecimento, a única forma de interação que tínhamos era através de gestos caseiros ou sinais emergentes.

Atualmente como graduanda em Pedagogia, cursei a disciplina de Libras durante o 6º período do curso, em que foi possível perceber a importância de se estudar um tema que, por muito tempo foi invisibilizado pela sociedade, mas que vem ganhando espaço após a implementação de algumas políticas públicas em prol da comunidade surda, muito embora ainda esteja muito aquém de exercer sua cidadania plena.

Essa pesquisa se justifica partindo da necessidade de analisar a relevância da aquisição da Língua Brasileira de Sinais, como primeira língua para os surdos filhos de pais ouvintes, o que poderá contribuir tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a sociedade, que terá conhecimento de como acontece esse processo que irá reverberar na luta dos surdos pela melhoria de vida.

Segundo GODOI (2013, p.38) “vivemos em uma sociedade letrada, sendo imprescindível o domínio do código linguístico a fim de ter acesso ao lazer, aspectos sociais culturais e econômicos”. Sendo assim, podemos entender a Libras como meio de inserção do surdo na sociedade, pois é por meio dela que os mesmos exercerão a cidadania plena e construirão sua própria identidade. Desse modo, é imprescindível que os pais entendam que a língua de sinais é a forma de comunicação de seus filhos e que terão que introduzi-la o mais rápido possível.

Diante disso, quais são os avanços e desafios vivenciados pelos surdos na busca pelo direito da aquisição da Libras como primeira língua?

Para responder a tal questionamento, procuramos pesquisar a criança surda, filha de pais ouvintes, e buscaremos como objetivo geral apresentar os avanços e desafios da criança surda filhas de pais ouvintes, com respeito a aquisição da Libras como primeira língua. Teremos como objetivos específicos: abordar o uso da Libras como primeira língua para os surdos; analisar como acontece o processo de aquisição da linguagem em crianças surdas do caso em estudo e apresentar a língua de sinais como cultura e identidade dos surdos.

O método de pesquisa proposto é de caráter Bibliográfico e pesquisa de campo, com análise das respostas de questionário executado. De acordo com Fonseca (2002, p.32) “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Partindo para temática proposta, também será feita uma análise descritiva, entendendo que conforme Silveira e Córdova (2009, p.35) “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

No primeiro capítulo, abordaremos sobre a língua de sinais, mais precisamente a Língua Brasileira de Sinais, a qual segundo a Constituição Federal, é a língua de direito dos surdos no Brasil. Discutiremos a mesma como forma de comunicação, como língua natural, com estrutura gramatical própria e não como linguagem, como era vista por muitos.

GUARINELLO (2004, p.30) diz: “Devido à sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito [...] e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano”. Ou seja, a língua de sinais é como qualquer outra língua, e é capaz de expressar qualquer coisa, seja ação ou sentimento, pois ela supre a necessidade de qualquer carência comunicativa, a única diferença é que a mesma necessita de um meio espaço-visual.

No segundo capítulo, iremos explicar o surdo como sujeito cultural, apresentando de início um pouco da história relacionada a aquisição de sua língua natural, e em seguida, iremos entendê-los como sujeitos culturais elencando seus artefatos culturais.

No terceiro capítulo, buscaremos compreender como acontece a aquisição e a linguagem no sujeito surdo, filho de pais ouvintes, como também entender as circunstâncias que se instituem para que esse processo aconteça.

2 LIBRAS: QUE LÍNGUA É ESSA?

A sigla Libras ou LSB é empregada para designar a Língua Brasileira de Sinais, ou Língua de Sinais Brasileira. Mas qual seria a nomenclatura correta? De fato, existe controvérsia relacionada a isso, mas a maioria prefere fazer uso do termo Língua Brasileira de Sinais, pois é dessa forma que foi inserida na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

“Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.)

A Libras é constituída por sinais que irão corresponderem a determinadas palavras em português, Zílio (2012, p.29) afirma que “não se trata simplesmente de uma substituição, uma palavra por um sinal correspondente, ela tem suas peculiaridades, além de ser independente da língua portuguesa”.

Conforme vimos, a língua de sinais contém sua própria estrutura gramatical, de forma que se entenda a mensagem que o sujeito queira passar de maneira clara e objetiva, e para que haja clareza existem cinco parâmetros necessários, de acordo com Zílio (2012, p.30)

“Locação: É o espaço utilizado para que as mãos sejam posicionadas. Configuração de mãos: Como o próprio nome já diz, é a forma como as mãos são configuradas para formar um sinal, logo esse sinal pode ter movimento ou não. Movimento: É a mobilidade das mãos para fazer o

sinal. Orientação: É curso pelo qual, mas mãos irão tomar para execução do sinal. Expressão Corporal: Estão relacionados a manifestação do corpo ou face para realização de determinado sinal. A expressão dá descrição daquilo que está sendo comunicado. ”

Tendo o domínio sobre esses aspectos, a mensagem a ser transmitida tornar-se-á clara para o receptor fluente em língua de Sinais. Na elaboração de frases na língua de Sinais é notório a inexistência de artigos, os mesmos são dispensáveis. O sentido das frases é anunciado de modo visual, na forma de como a mensagem é sinalizada.

Como foi citado acima, sinalizar não é meramente substituir uma palavra por um sinal, além de entendermos os aspectos gramaticais da língua, temos que compreender que os sinais podem ser icônicos, que são aqueles que caracterizam, lembram, de alguma forma o significado. Sabendo que nem todo sinal é icônico, algumas palavras podem ter sinais que não tem nenhuma ligação com seu conteúdo, esses são chamados de sinais arbitrários.

Segundo Zílio

“Estes conceitos foram aqui abordados também para abranger o entendimento de que muitos dos sinais são icônicos, mas a língua de sinais não é mímica: mímica é imitação, expressão de pensamentos ou sentimentos através de gestos” (2012, p.34)

Conforme o Dicionário Online de Português (Índole 2009/2019), “gesto é o movimento do corpo, principalmente das mãos, dos braços e da cabeça”. Por serem visuais, os gestos podem ser confundidos com a língua de sinais, pois assim como são utilizados por surdos, também são pelos ouvintes. O gesto então faz parte e é utilizado por ambas as línguas, mas não é o mesmo que língua de sinais.

A língua de Sinais já foi apontada como linguagem, e foi em 1960 que a mesma foi pesquisada e reconhecida a partir de pesquisas linguísticas como língua, por Stokoe, (Zílio, 2012, p.34), que reavaliou e considerou uma língua natural, complexa e com gramática independente.

“É composta de todos os elementos pertinentes às línguas orais, como a gramática, semântica, pragmática, sintaxe entre outros, preenchendo os requisitos científicos para ser reconhecida como instrumental linguístico de poder e força. Possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda prática para seu aprendizado como qualquer outra língua.” (GONÇALVES E MIRANDA, 2015, p.13).

Vale ressaltar que até hoje há essa ambiguidade com pessoas leigas sobre o assunto, linguagem e língua são termos distintos. “Língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 1995, p.17). “A linguagem pode ser um sistema de comunicação humano ou não” (Zílio 2012, p.34). Existem comunicação entre todos os seres, sejam ele humanos ou animais, porém essa comunicação não ocorre por meio da utilização de uma língua, pois a mesma decorre de uma linguagem.

A condição de língua, para muitos pode não ter relevância alguma, mas para os sujeitos surdos do Brasil, foi tido como uma grande conquista no momento em que a Lei nº 10.436/2002 passou a reconhecer Língua Brasileira de Sinais como sendo uma

“[...] forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002)

Em 2005, essa lei foi regularizada pelo Decreto nº 5.626, tornando essa oficialização mais uma conquista para a comunidade surda no Brasil. A Lei de Libras como assim é conhecida, proporcionou mais uma mudança considerável, evidenciando e justificando a cultura surda. Quanto a isso, COSTA, SILVEIRA e SOMMER afirmam que:

“Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a

contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, [...] às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta. ” (2003, p. 36)

É importante conceituar cultura, para que possamos entender suas características, bem como, vê-la como cultura surda e o porquê de ela ser uma cultura. Hoffmeister (2009), fundamenta a cultura surda por se tratar de pessoas que “veem”, por conectar-se ao mundo por meio da visão, o que irá torná-los sujeitos culturais, com sua forma de comunicação.

“Então muitas vezes a formação de identidade surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo “povo surdo”, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos se encontram com os outros membros surdos na comunidade surda. ” (STROBEL, 2008, p. 33)

A língua de Sinais utilizada pelos surdos brasileiros é a Libras, lembrando que elas são independentes de línguas orais e de seu país de origem. São línguas naturais e cada país possui a sua, ou seja, não é universal.

“Por isso, da mesma forma que os ouvintes em países diferentes se comunicam em línguas diferentes (italiana, inglesa, portuguesa etc.) os indivíduos surdos, inseridos em “Culturas Surdas”, apresentam suas próprias línguas, com características e estruturas peculiares; portanto, há muitas línguas de sinais diferentes, como por exemplo, a LSF – Língua de Sinais Francesa e a ASL – Língua de Sinais Americana, entre tantas. No Brasil, temos a Libras – Língua de Sinais Brasileira. ” (GONÇALVES E MIRANDA, 2015, p. 6)

O pensamento em relação a uma língua universal já existiu, porém é muito complicado pela quantidade de variações linguísticas existentes e estão associados a fatores geográficos e culturais, tanto na língua oral quanto na de sinais.

3 A LÍNGUA DE SINAIS COMO MEIO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E CULTURA SURDA.

Para contextualizarmos a aquisição da língua de sinais, identidade e cultura como direito constitucional dos surdos, é necessário conhecer a história, para entendermos seus avanços e conquistas. De acordo com Strobel:

“A história dos surdos é dividida em três fases. A primeira, refere à revelação cultural, que evidencia a desenvoltura dos surdos com a educação, mostrando que a maioria possuía domínio da escrita. A segunda ficou conhecida como o isolamento cultural que foi uma consequência do Congresso de Milão, visto que houve a proibição da língua de sinais na educação dos surdos acarretando numa relutância a língua oral. E por último, a terceira fase foi marcada pelo despertar cultural, em razão da aceitação da língua de sinais e cultura surda, iniciada nos anos 60. ”
(GONÇALVES E MIRANDA, 2015, p.9)

A partir do entendimento dessas fases, iremos compreender as lutas enfrentadas pelos surdos, para que fossem aceitos no mundo de maioria ouvinte, para que pudessem ser vistos como pessoas capazes de se comunicar e se relacionar na sociedade.

Na Antiguidade Clássica, os surdos eram desconsiderados pelos ouvintes, eram marginalizados, vistos como incapazes, e foram até conceituados como não sendo humanos. Segundo Moura (2000, p. 16) o filósofo Aristóteles (384 -322 a. C.) afirmava que “[...] de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para inteligência e o conhecimento[...], portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”.

Desta maneira, os surdos eram seres inaptos ante a sociedade, ainda de acordo com o autor, tanto na Grécia quanto na Roma, o ouvir era imprescindível, e se não existia a audição logo não existia a fala, conseqüentemente não existia pensamento. Vale ressaltar que nessa época não existiam direitos dos surdos, nem sequer com relação a heranças, muito menos a constituir uma família. Mesmo na igreja católica os surdos eram discriminados, pois de acordo com Honora e Frizanco (2009, p.19) “[...] já que para ela o

homem foi criado à “imagem e semelhança de Deus”. Portanto, os que não se encaixavam neste padrão eram postos à margem, não sendo considerados humanos. ”

O oralismo foi imposto para os surdos, e para que isso acontecesse, era proibido a utilização da língua de sinais entre eles, mesmo assim, não pararam de sinalizar entre seus amigos. Em Milão no ano de 1880, aconteceu o II Congresso Internacional de Educadores de Surdos, onde mais uma vez foi posto em votação a melhor maneira de educar os surdos, o resultado da votação se deu em sua maioria tendo o oralismo como melhor método pedagógico para os surdos, devido a influência de Alexander Graham Bell.

No Brasil em 1855, a chegada do professor E. Huet, surdo de origem francesa, deu início ao Imperial Instituto de Surdos Mudos, que mais tarde se tornou o INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos). Gonçalves e Miranda (2015, p.10) menciona que, “o objetivo principal desse Instituto, é a integração dos surdos e para tal efeito, faziam uso do ensino de articulação e leitura orofacial”. A Comunicação total chegou ao Brasil e foi utilizado no INES, e mais tarde aproximadamente nos anos 90 o Bilinguismo passa a ser usado.

O código Civil Brasileiro de 1º de janeiro de 1916 na sua lei nº 3.071, § 5º nos diz que:

“São absolutamente incapazes de exercer os atos de vida civil:

- I – Os menores de 16 (dezesseis) anos;
- II – Os loucos de todos os gêneros;
- III – Os Surdos-Mudos que não puderem exprimir a sua vontade;
- IV – Os ausentes declarados tais por ato do juiz. ”

No século passado era esse o pensamento a respeito dos surdos, eram tratados com preconceitos, que não faziam parte da sociedade, eram sujeitos incapazes como supracitado, de exprimir sua vontade. Hoje, apesar de ainda haver dificuldades e preconceitos, os surdos estão conseguindo seus direitos como cidadãos com identidades próprias e como ser cultural.

De acordo com Lane (1992, p. 26) “é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte, isto é, para viver “normal”, segundo a sociedade é preciso ouvir”. Estamos em pleno século XXI e o estigma

de que o surdo é deficiente ainda continua, por ignorância, ou por não conhecer sua cultura, a sociedade cria seus próprios conceitos em relação a eles.

Ser surdo também é sinônimo de um ser cultural, que tem seus costumes, suas crenças e hábitos, é imprescindível que nós possamos ver a cultura surda como algo que integra o povo. Quando falamos em cultura surda, Wilcox (2005, p. 7) afirma que “Embora o termo cultura surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas do mundo compartilhem a mesma cultura”. Existem diversas outras associações de surdos espalhadas pelo mundo, com diferentes línguas de sinais, e com diferentes costumes.

Strobel (2008) fala que existem traços comuns em todas as pessoas, esses traços seriam artefatos culturais o qual, ilustram uma cultura, sendo assim elencaremos alguns traços culturais, ou seja, alguns artefatos culturais do povo surdo e como eles veem o mundo. O primeiro seria a experiência visual, os surdos por não terem a audição compreendem o mundo através da visão. Perlin e Miranda explicam que:

“Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.” (2003, p. 218)

Assim é pela visão que os surdos percebem tudo que está acontecendo ao seu redor, em qualquer ambiente, é assim que eles conhecem o mundo.

O segundo artefato cultural é o linguístico que se caracteriza pela língua de sinais, sendo essa fundamental para o povo surdo. Segundo Strobel:

“A língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição do conhecimento.” (2008, p.44)

É através da língua de sinais, que o surdo irá entender-se como sujeito integrante da sociedade, e terão experiências, na qual, irão adquirir conhecimento de mundo em que vivem, trazendo mais segurança.

O artefato cultural familiar envolve os aspectos familiares, a maioria das famílias ouvintes veem o nascimento de uma criança surda como um problema, como um filho com defeito, e ficam por muitas vezes frustrados por não terem um filho perfeito, assim começam os questionamentos de como será o futuro dessa criança. Já nas comunidades surdas, isso é uma grande alegria, pois para eles é algo natural, a criança não é vista como deficiente. Strobel diz que:

“O nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência natural benquista pelo povo surdo que não veem esta criança um “problema social” como ocorre com a maioria das famílias ouvintes. ” (2008, p.49)

Para um ouvinte que não conhece a Libras, inserir-se dentro da comunidade surda é sentir-se desconfortável, em um ambiente estranho, não sendo capazes de se relacionar com os mesmos, pois não poderão se comunicar com eles. Um dos problemas mais frequentes entre a família ouvinte e parentes surdos, é a falta de comunicação, de diálogo entre eles. Já na família de surdos, o processo de comunicação de transmissão de cultura é natural.

Um outro artefato é a literatura surda, que se manifesta em diferentes gêneros, como por exemplo: poesias, piadas, romances, clássicos, entre outros. Nas palavras de Strobel:

“A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõe as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. ” (2008, p.56)

O surgimento da literatura surda surgiu devido a necessidade de registrar e relembra suas vitórias e conquistas com o passar dos anos, desta maneira, como os surdos são visuais, a maioria de suas obras são gravadas em vídeos, livros etc.

O artefato, vida social e esportiva, indica que o surdo tem uma vida como qualquer pessoa, pois participam de festas, lazer, praticam esportes, cada um com seu jeito, nas festas a maioria conversa, reencontram amigos e alguns até dançam imitando os outros a sua volta, ou dançam de sua maneira sentindo a vibração da música.

É interessante que o surdo tem o hábito de batizar as pessoas, dando-lhes sinais, assim não precisam se identificar utilizando a datilologia para representar seus nomes. Eles batizam uns aos outros com sinais de suas características, ou primeira letra de seus respectivos nomes. Dalcin exemplifica isso quando fala que:

“[...] os surdos eram “batizados” por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...] a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo” quando o surdo ingressa na comunidade[...]” (2007, p. 205)

As artes visuais, são aquelas em que os surdos criam suas artes e expressam suas histórias, suas emoções, e sua cultura através delas. Quando se trata de música, sabemos que ela não faz parte da cultura surda, mas acontece de alguns quererem entendê-las como informação cultural.

Strobel (2008, p. 70) “Respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintizadas, surgem artistas surdos em diferentes contextos como: músicas-sem-som, dançarinos, atores, poetas, pintores, mágicos, escultores, contadores de histórias entre outros”. Diante disso, os surdos são capazes de ser e fazer o que quiserem, independentemente de sua audição, pois a língua de sinais possibilita o seu desenvolvimento.

O artefato político atua em vários movimentos, onde o povo surdo junto com a comunidade luta para conseguirem seus direitos de cidadania. Geralmente esses movimentos são organizados em associações de surdos, cujo o objetivo é reunir os surdos para juntos lutarem por seus objetivos. Strobel declara que:

“O povo surdo luta pela pedagogia surda que parte de um “olhar” diferente direcionado em uma filosofia para educação cultural. Em que a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado com sua diferença para que aconteça subjetivação e as trocas culturais.” (2008, p. 72)

Falar de pedagogia surda é falar de um sonho para eles, assim como introduzir a língua de sinais nos currículos, que colaboram com a formação de suas identidades. Os movimentos para os surdos são prováveis meios de reconhecimento, de suas identidades, reconhecimento de sua língua. Graças a esses movimentos, hoje a Libras é reconhecida como língua materna, língua oficial dos surdos pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Outra conquista para a comunidade surda é o “Dia do Surdo” que é comemorado com muito orgulho no dia 26 de setembro. Essa data não foi escolhida de forma aleatória, mas foi escolhida por lembrar de um grande marco para os surdos do Brasil, foi em 26 de setembro que se fundou a primeira escola de surdos no Brasil. Quanto a isso Moura explica:

“O dia do surdo tem um significado simbólico muito importante. Ele representa o reconhecimento de todo um movimento que teve início há poucos anos no Brasil quando o Surdo passou a lutar pelo direito de ter sua língua e sua cultura reconhecidas como uma língua e uma cultura de um grupo minoritário e não de um grupo de “deficientes.” (2002, p. 11)

A luta dos surdos por direitos ainda existe, e busca mais mudanças para melhoria de vida dos mesmos, diante de uma sociedade de maioria ouvinte.

E por fim, temos o artefato cultural material, a qual contribui para o cotidiano dos surdos, facilitando seu acesso diante de sua necessidade como seres visuais. Lane, Hoffmeister; Bahan apontam que:

“[...] O seu lar já funciona como um ambiente que conduz ao uso visual como o principal meio de aprendizagem e desenvolvimento. A casa tem a

rede planejada para corresponder aos sinais ambientais visualmente. Por exemplo; campainhas e telefones não tocam, mas acendem a luz, cada um com seu padrão[...]” (1996, p.25)

Além desses recursos já citados, hoje há acessibilidade em alguns lugares, como por exemplo, em congressos, em algumas escolas, cartazes, até mesmo na mídia, já podemos perceber a presença de intérpretes.

Para o surdo, construir uma relação com sua comunidade, com seus semelhantes é algo primordial que si reconheça como sujeito, com cultura e também com sua diferença. Segundo Dizeu e Caporali (2005, p. 593) diz que é “Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo”. Assim, poderão entender como agir, como comportar-se, como definir-se a partir do contato direto com sua própria cultura, com suas vivências, e então, conseguirão conquistar um melhor desenvolvimento de sua identidade.

4 ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA CRIANÇA SURDA FILHOS DE PAIS OUVINTES.

De acordo com pesquisas, a aquisição da linguagem da língua de sinais é um processo similar ao da língua falada, isso em relação a filhos de pais surdos, pois os mesmos irão ter acesso ao input linguístico apropriado. De acordo com Gonçalves e Miranda (2015, p.12) “Mesmo que haja variedades das línguas naturais o processo de aquisição da linguagem é o mesmo em qualquer língua”. Independentemente de qualquer língua que se queira aprender, o que irá influenciar nesse processo é o input e não a forma da aquisição, pois como já citado é a mesma para todas as línguas.

Na língua inglesa, o termo input quer dizer entrada, na expressão supracitada tem sentido de tudo que é presenciado pela criança, seja de forma visual ou auditiva, ou seja, o meio em que está inserido e suas vivências.

Quando se trata de surdos filhos de pais ouvintes, mesmo sabendo que a Libras é a língua materna deles e que o processo de aquisição da mesma seja algo natural, ainda sim é necessário que eles, tenham contato o mais cedo possível com alguma pessoa fluente em Libras. Afirmam Dizeu e Caporali que:

“As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não tem acesso a língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. ” (2005, p.588)

Como acima citado, o contato com a comunidade surda é algo primordial na vida das crianças surdas, a partir do momento da descoberta da surdez, para que o processo de desenvolvimento da sua língua materna ocorra da forma eficaz.

Apresentaremos a seguir os estágios da aquisição da linguagem. Segundo a pesquisa de Quadros (1997), o processo de aquisição da linguagem de sinais na criança surda, decorre em quatro estágios: o período pré-linguístico, estágio de um a palavra, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações. Neste capítulo, iremos discutir acerca de cada um deles, para que assim, haja melhor entendimento desse processo.

O período pré-linguístico é o primeiro estágio da aquisição da linguagem, e é caracterizado pelo balbucio, onde começa a desenvolver-se desde o nascimento até por volta dos 14 meses de vida, que até então, para muitos não significa nada. O balbucio acontece com todos os bebês, sem exceções, através de sons e sinais. Assim Fernandes e Correia asseveram que:

“É factual concluirmos que a capacidade humana para aquisição da linguagem é intrínseca ao indivíduo, e mais, que o domínio de uma língua em toda a sua potencialidade é tão indescritível ao desenvolvimento que a natureza humana prevê para todos esta dupla possibilidade.” (2005, p.19)

Por meio disso, o desenvolvimento da linguagem é algo pertencente a todos os indivíduos sejam eles ouvintes ou não. Os balbucios podem ser silábicos ou de gesticulação. Quadros (2008, p. 70) afirma que “O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário da gesticulação não apresenta organização interna”. Tanto bebês surdos quanto ouvintes, em determinado período irá utilizar-se das duas formas de balbucio, e no decorrer irá desenvolver o balbucio segundo sua própria modalidade, ou seja, no bebê surdo a Libras, e no bebê ouvinte a Língua Portuguesa.

Estudos feitos por Petitto e Maranette (1991) comprovam que crianças surdas balbuciavam de forma oral até certo tempo, depois essa é cessada apenas nos bebês surdos, o contrário acontece com os bebês ouvintes onde as produções manuais param devido ao meio em que estão inseridos. Quadros reitera que:

“As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual.” (2008, p. 71)

Assim, podemos constatar que as duas formas de balbucio já citados, mostram que o desenvolvimento linguístico das pessoas é algo que já faz parte de sua natureza, independentemente de ser surdo ou ouvinte, o que vai diferenciar no progresso da mesma é a exposição da criança a um determinado ambiente propício a aprendizagem, seja da língua de sinais ou língua oral.

O segundo estágio é o estágio de um sinal, o mesmo começa a desenvolver-se a partir do primeiro ano de idade na criança surda, e resultará de acordo com a exposição dela ao ambiente vivido. A criança surda devido a sua condição biológica, não irá desenvolver-se de forma oral. Fernandes e Correia ratificam que:

“O motivo pelo qual as crianças ouvintes não manifestam o desenvolvimento da língua de sinais logo após a fase do balbucio, acontece por não estarem expostas a ela. Da mesma maneira que crianças surdas não manifestam a língua oral-auditiva, após o balbucio pois também não estão expostas a ela, obviamente devido a surdez.” (2005, p.20)

Desta forma, as crianças irão desenvolver a linguagem de acordo com suas necessidades e o meio ao qual estão inseridos. Vale salientar, que quando se trata do relacionamento entre mãe ouvinte e filho surdo, a comunicação é natural, mesmo através das expressões corporais e o choro. De fato, a criança surda não irá manifestar-se verbalmente, ela irá procurar meios para se comunicar, logo irá desenvolver a sua língua natural, a língua de sinais.

Primeiras combinações, este estágio começa a partir dos dois anos de idade da criança surda, as ordens de combinações nas frases são usadas das seguintes formas de acordo com a análise de Fischer (1973) e Hoffmeister (1978):

“SV (sujeito/ verbo), VO (verbo, objeto), e logo depois, o SVO (sujeito/ verbo/ objeto) porém pode haver algumas limitações em relação a ligações lexicais e fonologia, pois não são todos os verbos que poderão ser flexionados para que uma sentença de relações gramaticais seja marcadas.” (apud Quadros, 2008)

Quadros (2008, p.72) ratifica que “As crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras”. Assim essa associação de indicadores abrange a concordância verbal, a qual precisa de forma direta da obtenção do sistema pronominal.

No estágio das primeiras combinações, inicia-se com o uso de pronomes, porém de forma inconsistente, de acordo com Quadros (2008), certamente haverá episódios de erros, no que se refere a utilização do pronome “TU” quando o pronome correto seria o “EU”.

Conforme alguns estudos realizados por Bellugi e Kilma (1979, apud Quadros 2008, p. 72) “foi observado que o modelo de aquisição pronominal das crianças surdas era bem próximo das crianças ouvintes.”

Petitto, 1986 (apud Quadros, 2008, p. 72.) “Observou que nesse período ocorrem ‘erros’ de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao interlocutor para referir-se a si mesmas”. O erro e a esquiva em relação ao uso de pronomes são ocorrências que estão relacionados de forma direta com a aquisição da linguagem.

Concluiu-se, perante a pesquisa de Petitto (1987) conforme Quadros (2008) que mesmo que a relação entre forma e significado da apontação, que é o pronome na língua de sinais, seja visível, o entendimento sobre pronomes não acontece de maneira explícita para os surdos. Perante a evidente apontação realizada, a mesma é quebrada na presença das múltiplas funções linguísticas exposta. Quadros (2008, p.72) explica que “Se as crianças

não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais.”

É no estágio das múltiplas combinações, que aparece a produção de várias palavras a qual chamamos de explosão de vocabulário, que ocorre por volta dos dois anos e meio até os três anos nas crianças surdas, e é então que aparecem as distinções derivacionais, nesse período as crianças criam formas peculiares para diferenciar os nomes e verbos, mas é só por volta dos cinco anos de idade que elas adquirem o domínio completo da morfologia da língua de sinais.

Segundo Quadros (2008, p.74) “Dos três anos em diante, as crianças começam a usar o sistema pronominal com referentes não-presentes no contexto do discurso, mais ainda apresentam erros”. Ou seja, as crianças nessa idade já iniciam o uso de pronomes que indicarão objetos, ações ou pessoas que não estão presentes de forma física no local onde elas se encontram. Exemplificados na figura a baixo:



Figura1 Supergeneralização na ASL. (Adaptada de Bellugi, Vahoek, Lillo-Martin e O’Grady, 1990, p. 139) * O asterisco indica a gramática de sentença. (Quadros, 2008, p.75)

A concordância verbal aos três anos, é utilizada com referentes presentes, Quadros (2008, p. 74) diz que “elas flexionam alguns verbos, cuja flexão não é aceita nas línguas de sinais”, ou seja, verbos direcionados a elas mesmas, como se só elas fizessem parte do vocabulário, surgindo então a supergeneralização dos verbos, o qual de acordo com Quadros (2008, p.74) “considerado esse fenômeno análogo a generalizações verbais como “fazi”, “gosti” e “sabo” nas línguas orais.”

Partindo para os quatro anos de idade, ainda não há a utilização correta dos verbos, pois até então é notório a presença da confusão em relação a associação entre referência e local mencionado. Só quando completam cinco e seis anos, é que apresentarão a flexão correta dos verbos.

Assim podemos concluir que o processo de aquisição da língua de sinais em crianças surdas filhas de pais surdos, é o mesmo que o processo de aquisição da fala em crianças ouvintes filhas de pais ouvintes. Quadros (2008, p. 80) afirma que “a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais, (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas) então as línguas de sinais são línguas naturais”. Sendo assim, ambas passam pelos estágios do período pré-linguístico com o fenômeno do balbucio, atravessam o estágio do primeiro sinal, que no caso das ouvintes seriam as primeiras palavras, passam para as primeiras combinações, sejam sinalizadas ou verbalizadas, e por fim as múltiplas combinações a qual já conseguem sinalizar ou falar várias palavras.

Quando falamos de crianças surdas, filha de pais ouvintes, o processo é diferente, elas não terão contato com sua língua materna, e para que isso aconteça é necessário que o ambiente seja propício para aprendizagem dela, então é de suma importância a inserção das crianças na comunidade surda o mais cedo possível. Wallis afirma que:

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações. (1990, p. 16).

Assim percebemos que, quanto mais cedo a criança for trazida a conviver com seus semelhantes, e criar um vínculo com eles, mais rápido será o seu desenvolvimento como também identificação com sua cultura e identidade, pois vivenciarão o mundo a sua maneira.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados nessa pesquisa, apoiam-se numa abordagem qualitativa, e foi escolhida porque poderemos estudar as relações sociais, sem nos preocuparmos com a quantificação dos dados coletados. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.32) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Assim, foi analisado os dados apresentados pela pesquisa de forma compreensiva e detalhada por eles, elencando suas situações e características, sem que necessite de dados quantitativos.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, e foi escolhida porque a autora buscou conhecimentos prévios através de levantamentos bibliográficos com pesquisa de campo, para maior esclarecimento do assunto a ser pesquisado. Segundo Silveira e Córdova (2009, p.35) “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Sendo assim, se faz necessário buscar conhecer alguns aspectos do que se pretende pesquisar, para que assim se desenvolva melhor o objetivo da pesquisa.

Nosso objeto de estudo foram três surdos filhos de pais ouvintes, como também três pais ouvintes, os mesmos foram escolhidos porque a pesquisa busca saber quais os avanços e desafios enfrentados por ambos, na busca pela Libras como primeira língua do sujeito

surdo. Assim, teremos como instrumento para coleta de dados um questionário de perguntas abertas, que foi escolhido por descrever com eficácia o propósito da pesquisa, como também constatar características do indivíduo o qual será estudado.

Conforme Gil (1999, p.121), podemos caracterizar o questionário “como técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentada por escrito as pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Assim buscou-se do entrevistado respostas mais explicadas, e não imposição a opinião, com perguntas e respostas já prontas, nosso objetivo era que o entrevistado se sentisse à vontade para responder ao questionário de maneira mais sincera possível.

As respostas foram coletadas pessoalmente durante o mês de outubro de 2019, através da pesquisa de campo, que foi escolhida por ser:

“O tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]” (GONÇALVES, 2001, p.67)

Sendo assim, a pesquisadora foi ao encontro dos objetos de estudo para fazer a coleta de dados e agregar o máximo de informações possíveis a pesquisa executada. Baseado nos dados, a mesma poderá colaborar com a comunidade acadêmica, e também dará conhecimento a sociedade de como se dá o processo da aquisição da língua de sinais nos surdos filhos de pais ouvintes.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário a seguir, foi aplicado com surdos filhos de pais ouvintes, e também para pais ouvintes com filhos surdos. O mesmo foi executado em suas residências no mês de outubro de 2019. No questionário destinado aos surdos, foi-se necessário a ajuda dos pais, pois a autora não era fluente em Libras, assim houve a necessidade dos pais como intérpretes, já com os pais, aconteceu de forma rápida, pois as perguntas eram claras e de fácil interpretação, facilitando o andamento das respostas.

QUESTIONÁRIOS REFERENTE AOS PAIS DOS SURDOS
1. Qual a faixa etária que você soube que seu filho era surdo?
RESPOSTAS
MÃE (1) - Tinha 1 anos de idade.
MÃE (2) – Aos 6 meses de idade
MÃE (3)- Com oito meses

Percebe-se então, que foi descoberto a surdez quando as crianças estavam ainda

bem pequenas, com meses de idade. Dizeu e Caporali (2005, p.595) afirmam que: “A língua de sinais, quando adquirida nos primeiros anos de vida, fornece a criança surda um desenvolvimento pleno como sujeito. ” Assim, com a descoberta precoce da surdez, a exposição a Língua de sinais deve ocorrer o mais cedo possível para que esse desenvolvimento ocorra sem que haja prejuízos futuros.

2. Como foi seu primeiro contato com a Libras? O que lhe levou a conhecê-la?
RESPOSTAS
MÃE (1) - Meu primeiro contato foi na Funad, foi saber que ia precisar da comunicação com meu filho, e assim pude ter a certeza que queria aprender.
MÃE (2) – No primeiro contato me apaixonei e tive a certeza que a libras seria para mim como mãe arte perfeita das mãos falando.
MÃE (3) – Aqui mesmo em Guarabira com uma professora de libras , que ensinou ao meu filho.

Aqui podemos perceber que, as mães procuraram a língua de sinais assim que descobriam a necessidade de seus filhos. Dizeu e Caporali (2005, p. 591) apontam que em relação a família: “Quando a família aceita a surdez e a Libras como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança está, irá apresentar condições para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. ” Assim a família torna-se o principal ponto de apoio, para que o surdo tenha contato direto com a Língua de sinais e se desenvolva desde cedo na comunidade surda.

3. Relate como foi o primeiro contato da Libras com seu (a) filho (a)?
RESPOSTAS
MÃE (1) – Foi na Funad, eu levava ele toda semana para fazer a reabilitação, foi muito prazeroso para mim vendo o desenvolvimento do meu filho sempre aprendendo coisas novas. E melhorou muito o nosso contato com ele, como disse eu também aprendia enquanto esperava por ele.
MÃE (2) – foi encantador que por muitas vezes me faltava palavras de tão maravilhoso que foi vê ele se desenvolvendo.

MÃE (3) – Foi só com 10 anos, em Guarabira com uma professora de Libras

Constatamos que as mães 1 e 2 procuraram ajuda de imediato para seus filhos, buscando melhorar a qualidade de vida e interação social dos mesmos, já a mãe número 3 demorou 10 anos para buscar a língua de sinais para seu filho. Quanto a isso, Dizeu e Caporali alegam que:

“Se os pais recebessem orientações adequadas quanto a importância da Libras para o desenvolvimento da criança, sobre as possibilidades que essa língua oferece para a criança se comunicar com eles de forma clara, contar-lhes sobre suas brincadeiras, aprender seus ensinamentos e adquirir conhecimento, com certeza seriam poupados dessa criança e de seus pais transtornos e prejuízos, e principalmente os problemas emocionais a que estes são submetidos.” (2005, p. 591)

A criança surda tem consciência que existe algo de diferente nela em relação as outras pessoas, ela percebe pela convivência com familiares, o que como acima foi citado, pode acarretar em prejuízos no desenvolvimento como também, problemas no emocional já que não tem nenhum contato com alguma pessoa surda a qual possa ter um vínculo identificatório.

4. Em que você considera a Libras importante para o surdo?
RESPOSTAS
MÃE (1) - Libras é a língua do surdo é importante, é o empoderamento da sua identidade e cultura, para mim o surdo não pode e nem deve ser privado de sua língua.
MÃE (2) – É a linguagem deles onde facilita a cada dia a comunicação e a interação com tudo e com todos.
MÃE (3) – É muito importante para eles se comunicarem com as pessoas a libras muda a vida deles.

As três mães que participaram do questionário, entendem a Libras como língua oficial dos surdos, e que faz parte do desenvolvimento deles como sujeito pensante e com direitos. De acordo com Dizeu e Caporali (2005, p. 587) “A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno”. Assim podemos perceber que a Libras é a porta de entrada para o conhecimento do mundo em que vive o surdo, como também de si mesmos como ser de identidade e cultura própria.

5. Com relação a aquisição da linguagem, qual a sua percepção voltada para a pessoa surda? Você acha que a partir do contato com a Libras houve melhor desenvolvimento?
RESPOSTAS
MÃE (1) - Na aquisição da linguagem, só a desenvolvimento correto se o surdo aprender em Libras, para ser mais correta em escola Bilíngue, pois se não for dentro de uma aquisição correta irá sempre fazer de conta. Eu não acho, tenho certeza absoluta, hoje meu filho é um exemplo vivo disso pois ele teve o direito a poder ter a Libras como sua primeira língua e seu desenvolvimento foi natural sem tanto preconceito e sofrimento como muito surdos passam. O desenvolvimento só existe se o surdo poder ter o direito a Libras
MÃE (2) – O desenvolvimento é visível, a percepção para mim é uma das mais lindas línguas que já conheci.
MÃE (3)- Sim o desenvolvimento dele foi muito bom até carteira de habilitação ele tem ele depois que aprendeu a libras faz muita coisa, aqui em casa desde que a irmã aprendeu libras no cursinho ficou tudo muito melhor.

Percebemos que ao aprender a Libras como sua primeira língua, seus filhos se desenvolveram melhor, foram capazes de conhecer o mundo e de fazer tudo o que desejam, como foi citado pela mãe número 3, quando fala que o filho é habilitado para dirigir. Strobel (2008, p. 45) fala da importância do acesso à língua de sinais, quando afirma que “Os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e participação da

comunidade surda, tem maior segurança, autoestima e identidade sadia”. Portanto, expor a criança o mais cedo possível a sua língua, é dar possibilidade de um melhor desenvolvimento no dia a dia, é abrir portas para acesso a todas as informações e conhecimentos.

QUESTIONÁRIO REFERENTE AOS SURDOS
1. Há quanto tempo você tem contato com a libras? Você é fluente?
RESPOSTAS
SURDO (1) - Eu nasci surdo sou fluente
SURDO (2) - Já faz uns 19 anos, então eu aprendi libras desde bebê 1 ano então sou fluente de libras
SURDO (3) - Tenho contato com a LIBRAS desde os 20 anos, mas antes de ter contato com a LIBRAS, tínhamos em casa uma língua de sinais que hoje denominamos de língua de sinais doméstica. Era tipo uso de gestos o que facilitou o aprendizado da LIBRAS, sou fluente sim.

Podemos perceber o cuidado que os pais tiveram, para que os seus filhos pudessem aprender sua língua natural o mais cedo possível, para que não houvesse prejuízos futuros relacionados ao seu desenvolvimento. O surdo número 3, mesmo não tendo o contato imediato como os demais, conseguiu se comunicar através de gestos caseiros, e só depois teve contato com a Libras. Quanto aos surdos que não tiveram contato imediato com a língua de sinais, Strobel declara que:

“Um sujeito surdo em zona rural, isolado da comunidade surda e que nunca aprendeu a língua de sinais, a falar ou a escrever, sem ter a noção de hora de dias de semana, observa ao seu redor que tem um dia da semana em que as frutas sempre são colhidas, o dia certo de ir à igreja, os dias em que o caminhão vem pegar o lixo e de quando o sol aparece no horizonte é a hora de ordenhar e pegar os ovos etc.[...]” (2008, p.44)

Desse modo, o surdo que não utiliza a língua de sinais nem fazem parte de uma comunidade, orienta-se através do olhar e da percepção da rotina do dia a dia, e dessa forma vão criando sinais para facilitar a comunicação com os que estão a sua volta, o que chamamos de gestos caseiros.

2. Há quanto tempo você tem contato com surdos e faz parte da comunidade surda?
RESPOSTAS
SURDO (1) – Desde que eu nasci que minha irmã me ensinou a libras porque ela também é surda
SURDO (2) - Tenho contato com eles desde eu tive 1 ano e faço parte de comunidade surda e faço muito coisas na comunidade
SURDO (3) - Tenho contato com a comunidade surda desde 1990. Faço parte da comunidade surda desde 1996. Mas tenho contato com surdos desde que nasci há 50 anos. Mas como não sabíamos a LIBRAS, não era considerado dentro da comunidade. Somente depois de aprender a língua brasileira de sinais.

Percebemos que todo tem contato com a comunidade surda e foram expostos a ela bem cedo, e exercem diferentes funções dentro da comunidade. Strobel (2008, p.44) diz “Para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais”. Dessa forma, vemos a relevância da língua de sinais sendo acessada desde os primeiros anos de vida da pessoa.

3. Relate seu primeiro contato com a libras. Como se deu?
RESPOSTAS
SURDO (1) - Foi através da minha irmã
SURDO (2) - Bom eu não lembro porque eu estava 1 ano, então minha mãe me levou pra o local se chama FUNAD e eu aprendi lá e cresci vendo surdos se comunicar e participei

e aprendi muito coisas

SURDO (3) - Como já disse antes. Meu contato com a LIBRAS foi mais um processo de adaptação, uma vez que já tinha uma língua de sinais doméstico devido outros irmãos surdos. Desta forma o processo foi fácil porque já era usuário de língua gestual visual, com os parâmetros muito parecido com o da LIBRAS.
--

O surdo número 1 aprendeu de forma natural. Segundo Honora (2009, p. 14) “as línguas de sinais são naturais pois surgiram do convívio entre pessoas”, sendo assim, o contato direto com a língua de sinais, propiciou a sua aquisição de forma natural.

Os surdos 2 e 3 tiveram que buscar fora do ambiente familiar a língua de sinais. Para os surdos que crescem no ambiente onde há outros surdos, o processo de aquisição da língua de sinais é natural, como vimos no caso do surdo número 1. O surdo número 2, apesar de não ter acesso à língua de sinais em casa, procurou um meio de ter acesso à comunidade surda através de especialistas para que seu desenvolvimento fosse pleno.

O surdo número 3 como o próprio afirma, foi questão de adaptação, pois utilizava sinais caseiros. Diz Strobel (2008, p. 44) “[...] surdos isolados de comunidades surdas procuram entender o mundo através dos experimentos visuais, e se procuram comunicar apontando e criando sinais, pois não tem conhecimento de sons e de palavras”. Ou seja, como não há conhecimento da língua de sinais, os surdos vão criando formas de comunicação através da observação diária, apontando para objetos, e com gestos que possam suprir a sua necessidade de comunicação.

4. Qual a importância da família em relação a aquisição da libras?
--

RESPOSTAS

SURDO (1) – Como já mencionei , foi por ela que pude aprender a libras
--

SURDO (2) - Muito importante, porque eu faço parte na família que sabe libras e alguns é um intérprete e foi muito bom pois está comunicando, conversa e forma natural como fosse normal família, por isso libras é muito importante pra família que tem parente surdo.

SURDO (3) - É de suma importância a família inteira ou parte dela adquirir a língua de
--

sinais, pois agindo desta forma o sujeito surdo se sentirá incluído dentro do ambiente em que vive e não vão haver bloqueio de comunicação, situação muito comum entre surdos e os familiares.

Como podemos ver, a questão do apoio familiar para os surdos é extremamente relevante, pois eles serão o canal de ligação entre os surdos e a sua língua materna. Nesse sentido, assevera Dizeu e Caporali (2005, p. 591) “quando a criança não recebe suporte familiar, apresentará muitas vezes, resultados insatisfatórios, quanto ao desenvolvimento da linguagem e comunicação, o que irá afetá-la emocionalmente”. A questão do apoio familiar, é sem dúvida, o ponto principal quando o assunto é aquisição da Língua de Sinais, pois é através dela que as crianças surdas poderão ter o contato com a Libras, a partir dos primeiros anos de vida.

5. Ao aprender a libras sentiu alguma dificuldade ou desafio?
RESPOSTAS
SURDO (1) - Não porque aprendi em casa mesmo
SURDO (2) - não, pra mim é natural pois é minha primeira língua então não tive muito dificuldade com libras
SURDO (3) - Dificuldade a gente encontra sim, mesmo com uma bagagem linguística que tinha encontrei dificuldade. Mas foi um processo prazeroso.

Como já foi citado várias vezes, para o surdo a língua de sinais é sua língua natural, quando o mesmo está no ambiente propício a aquisição dela, não há dificuldades relacionadas a aprendizagem da mesma. No caso do surdo número 3, por só ter acesso a Libras com idade já elevada, pode sentir um pouco de dificuldade em sua adaptação. Quanto a isso, Dizeu e Caporali afirmam que:

“Se os pais receberem orientações adequadas quanto à importância da Libras para o desenvolvimento da criança, sobre as possibilidades que a língua oferece para a criança se comunicar com eles de forma clara, contar-lhes sobre suas brincadeiras, aprender seus ensinamentos e adquirir

conhecimento, com certeza seriam poupados dessa criança e de seus pais transtornos e prejuízos, e principalmente os problemas emocionais a que estes são submetidos.” (2005, p. 591)

Sendo assim, cabe aos pais a responsabilidade ante o desenvolvimento de seus filhos, poupando-os de uma vida cheia de incertezas e inseguranças por não conseguirem conhecer-se como cidadãos com direitos.

7 CONCLUSÃO

Partindo dos objetivos específicos que foram definidos para essa pesquisa que são: A abordagem do uso da Língua de Sinais Brasileira como sendo a primeira língua dos surdos no Brasil, buscamos também apresentar a língua de sinais e a mesma como sendo direito, e expressão de cultura e identidade dos cidadãos surdos, e por fim, analisar como acontece a aquisição da linguagem em crianças surdas filhas de pais ouvintes.

Diante dos resultados, podemos afirmar que esses foram atingidos ao longo da apuração dos dados, durante a pesquisa pudemos conhecer a Libras como língua oficial dos surdos, segundo a Constituição Federal, como também entendê-la como língua materna dos mesmos, assimilamos que sua aquisição acontece de forma natural, se exposta ao ambiente propício para o desenvolvimento dela.

Percebemos a importância dos pais ou responsáveis de expor essas crianças a comunidade surda o mais rápido possível, pois só assim o desenvolvimento da linguagem ocorrerá de forma natural e em um ambiente propício para desenvolvimento da criança, pois elas estarão perto de seus semelhantes. Entendemos que a língua de sinais constitui a identidade e cultura dos surdos, pois segundo os resultados da pesquisa, é através dela que os mesmos passam a interagir com o meio, e a entender-se como cidadãos com direitos dentro de uma sociedade de maioria ouvinte.

Com essa pesquisa tanto o corpo social quanto a comunidade acadêmica, conseguirão compreender que as peculiaridades dos cidadãos surdos não os tornam

menos aptos a se desenvolverem na sociedade, apesar da falta de audição, os surdos, compreendem o mundo através dos olhos e são capazes de se desenvolver e relacionar-se com tudo e todos.

No decorrer a pesquisa compreendemos que gradualmente, os surdos através de suas lutas, conquistaram espaços como por exemplo a conquista de direitos e efetivação de sua língua materna, e mesmo ainda havendo percalços quanto aos acessos a determinadas coisas, podemos considerar um grande avanço para a comunidade.

Ao longo dos anos, a história dos surdos é repleta de obstáculos, sendo até forçados a falar, e só após muitas pesquisas é que foi estabelecida a língua de sinais como forma pedagógica mais eficaz para eles. Hoje, os surdos têm direito a Libras como primeira língua, como também tem direito a uma educação bilíngue ao qual, aprenderão sua língua natural como primeira, e a Língua portuguesa como segunda língua. Assim, essa pesquisa abre espaço para futuramente como proposta, analisarmos como acontece a aquisição do Português como segunda língua, o que irá nos proporcionar mais conhecimentos .

8 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. In: BRASIL. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Base da Legislação Federal do Brasil. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 19 out. 2019.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luís Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia.** Revista brasileira de educação. Rio de Janeiro, n. 23, p.36-61, maio/ jun./ jul./ ago. 2003.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho:** um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In: Quadros, Ronice (Org.) Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

DIZEU, Liliane & CAPORALI, Sueli. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583- 597, Maio/ Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRIZANCO M. L. E.; HONORA. Márcia. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 14-31.

FERREIRA BRITO, L. et al. **Língua Brasileira de Sinais.** Brasília: SEESP, 1998. v.3. (Série Atualidades Pedagógicas, n.4).

FERNANDES, Eulália, & CORREIA, Cláudio. **Bilinguismo e Surdez:** A evolução dos conceitos no domínio da linguagem; Capítulo I, In: FERNANDRES, Eulália (org.). Surdez e Bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: atlas, 1999. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 de Outubro de 2019 às 22:00.

GODOI, P; SANTOS, M. F; SILVA, V.F. **Língua Brasileira de Sinais no Contexto Bilíngue**. Tupã, 2013, p.38. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de especialização) – Faculdade FACCAT.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GONÇALVES, Vanessa & MIRANDA, João Paulo. **Aquisição da Linguagem: Diferença entre crianças ouvintes e crianças surdas**. 2015. Disponível em : http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14815/1/2015_VanessaBatistaGoncalves_tcc.pdf acesso em: 15 de Outubro de 2019 às 19 h.

GUARINELLO, A. C. **O Papel do Outro no Processo de Construção de Produções Escritas por Sujeitos Surdos**. 222f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

HOFFMEISTER, Robert J. In: SKILIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística**. v. 2. 3. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ÍNDOLE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indole/>. Acesso em: 08/11/2019.

LANE, Harlan. **A máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

_____;HOFFMEISTER, Robert; BAHAN, Ben. **A Journey into deaf-world**. San -7 Diego, CA, USA, Dawn Sign Press, 1996.

MOURA, Maria Cecília de. **A importância da informação**. Revista Sentido, Disponível em <http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=475&coditipo=&subcat=&canal=revista&pg=2>. Acesso em: 13 ago. 2007.

PERLIN, Gládis Teresinha. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 51-73.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **Surdos: o Narrar e a Política**. In: Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003

QUADROS, R.M. de. **Aquisição da Linguagem**. In: _____. Educação dos Surdos: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 67 – 83

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Desenvolvimento linguístico e educação do surdo: 3º semestre**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

SASSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVEIRA, Denise Tolfo; Córdova, Fernando Peixoto. A pesquisa Científica. **In:** Gerhardt, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009, p. 35.

SKLIAR, C. **Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngue para os surdos**. *Espaço Informativo Técnico Científico do do INES*, Rio de Janeiro, v. 6, p 49-57.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

WALLIS, Lars. **Os surdos e o bilinguismo**. Rio de Janeiro, Boletim 5, Geles – grupo de estudo sobre linguagem, educação e surdez, UFRJ, 1990.

WILCOX, Sherman; WILCOX Phyllis Perrin. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro. Editora: Arara Azul, 2005.

9 APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Prezado (a) Senhores Pais,

Sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III e estou realizando uma pesquisa científica, a qual tem como tema “A aquisição da linguagem no sujeito surdo, filhos de pais ouvintes: entre avanços e desafios” sendo assim, ao responder esse questionário você estará contribuindo com a realização de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). De antemão, agradeço a gentileza e sua boa vontade.

Aluna: Hérica Thaís Cabral de Souza Fernandes.

1. Qual a faixa etária que você soube que seu filho era surdo?

2. Como foi seu primeiro contato com a Libras? O que lhe levou a conhecê-la?

3. Relate como foi o primeiro contato da Libras com seu (a) filho (a).

4. Em que você considera a Libras importante para o surdo?

5. Com relação a aquisição da linguagem, qual a sua percepção voltada para a pessoa surda? Você acha que a partir do contato com a Libras houve melhor desenvolvimento?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Prezado Senhores,

Sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- Campus III e estou realizando uma pesquisa científica, a qual tem como tema “A aquisição da linguagem no sujeito surdo filhos de pais ouvintes: entre avanços e desafios” sendo assim, ao responder esse questionário você estará contribuindo com a realização de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). De antemão, agradeço a gentileza e sua boa vontade.

Aluna: Hérica Thaís Cabral de Souza Fernandes.

1-Há quanto tempo você tem contato com a libras? Você é fluente?

2- Há quanto tempo você tem contato com surdos e faz parte da comunidade surda?

3- Relate seu primeiro contato com a libras. Como se deu?

4- Qual a importância da família em relação a aquisição da Libras?

5- Ao aprender a libras, sentiu alguma dificuldade ou desafio?

10 ANEXOS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III
GUARABIRA – PB.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, da pesquisa que tem por título “ **A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO SUJEITO SURDO FILHOS DE PAIS OUVINTES: ENTRE AVANÇOS E DESAFIOS**” que tem como pesquisador responsável a aluna Hérica Thaís Cabral de Souza Fernandes, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, que pode ser contatada pelo e-mail herickathais@gmail.com e pelo telefone (83) 987520171. Tenho ciência que a pesquisa tem em vista realizar um questionário acerca de como acontece a aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua nos surdos filhos de pais ouvintes para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Minha participação consistirá por meio de formulário/questionário preenchido por mim. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista ou formulário/questionário da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por essa participação

Assinatura

Guarabira – PB _____ de _____ de 2019